

EXPLORAÇÕES GEOPOÉTICAS: AMPLIDÃO E NOSTALGIA NO ROMANCE *OUT OF AFRICA* COMO O DIZER POÉTICO DA GEOGRAFIA¹

Geopoetic explorations: openness and nostalgia on the novel Out of Africa as the poetic speech of geography

Priscila Marchiori Dal Gallo²

RESUMO

Uma ciência que busca romper com a relação sujeito-objeto, como base de sua produção do conhecimento precisa trazer à luz essa empreitada desde a linguagem. Essa última não sendo apenas o veículo de transmissão e comunicação, mas a própria possibilidade de expressão da relação que funda toda possibilidade de conhecimento: a relação homem-terra. Tal relação se desvela pelos esforços de dizer aquilo que se reúne entre a terra e o céu e cumprir seu papel de homem e de mortal. O poeta tem tal vocação. Cumpri-la é algo que propomos àqueles que buscam a possibilidade de fazer e pensar uma ciência ontológico-existencial. A linguagem deve ser elemento central para a realização dessa possibilidade. Por isso pensamos na potencialidade da linguagem como geopoética, isto é, potencialidade reveladora de nosso encontro com o terrestre e propomos concebê-la e desenvolvê-la como um caminho. Um caminho pela linguagem que nos permita voltar à proximidade do ser.

Palavras-chave: Linguagem. Ciência existencial. Arte.

ABSTRACT

A science that seeks to break away from the subject-object relationship as the basis of its production of knowledge must bring out this task since the language. The language not only being the vehicle of transmission and communication, but the very possibility of expression of the relationship that founds all possibility of knowledge: the earth-man. This relationship is revealed by efforts to say what one meeting between earth and sky and fulfill its role as a man and mortal. The poet has this vocation. Fulfill it is something that we propose to those who seek the possibility of doing and thinking an ontological-existential science. The language should be central to the realization of this possibility. So we think of the potential of language as geopoetics, i.e., a revealing potential of our encounter with the earth and we propose to conceive it and develop it as a way. A way through language that allows us to return to the proximity of being.

Key-words: Language. Existential science. Art.

¹ Esse artigo se baseia na dissertação de mestrado intitulada "A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em *Out of Africa*" desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas.

² Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas. priscilamgallo@yahoo.com.br.

✉ Rua Luis Moretzshon de Camargo, 323, Jardim Santana, Campinas, SP. 13088-699.

INTRODUÇÃO

Iniciamos com a pergunta: quais as potencialidades de uma obra literária para a ciência geográfica? Tal pergunta envolve, por um lado, uma relação já discutida pela Geografia: a aproximação com a Arte, em suas diferentes manifestações, mas, sobretudo, da Literatura (POCOCK, 1988; MARANDOLA JR., OLIVEIRA, 2009; MARANDOLA JR.; GRATÃO, 2010). Esse esforço, por envolver a literatura de maneira contundente nas reflexões geográficas, se inicia com as propostas de revisão epistemológica dos geógrafos humanistas. Por outro lado, essa pergunta, envolve ainda uma reflexão sobre a linguagem empregada pela Geografia, e pelas ciências modernas em geral, e as dificuldades que ela impõe para o tratamento da relação primordial: a relação homem-terra.

A ciência, seja qual for, tem como possibilidade de sua existência a linguagem, não há maneira de fazer ciência sem dizermos, sem escrevermos. E a maneira que escolhemos dizer é um ponto fulcral para expressar o tipo de relação que estabelecemos, antes de tudo, com as coisas que nos cercam e com o conhecimento. A linguagem da ciência moderna, objetiva e comunicativa, reflete a cisão que lhe dá fundamento, qual seja, o sujeito apartado do objeto. Todo o seu rigor e legitimidade residem nessa separação que termina por fortalecer, se não, provocar uma fissura entre a linguagem e a terra; a linguagem se torna o âmbito das representações. Em outras palavras, uma linguagem perpassada pela metafísica se perdeu da correspondência ontológica e original entre a palavra e o ser. Essa correspondência, podemos dizer, se realiza quando a palavra doa o ser. Por desconhecer essa essência da palavra a ciência moderna suprime e ignora a fundamentação ontológica da linguagem.

Em contraponto a essa postura esta o esforço em assumir uma linguagem que não mascare a palavra como doadora e sim explore essa sua essência como uma potencialidade; no caso dos geógrafos, para tratar a relação homem-terra. A linguagem deve deixar seu status de ferramenta comunicativa e assumir sua essência doadora de modo que possamos realizar aquilo que Dardel (2011) coloca como a tarefa do geógrafo: decifrar a grafia terrestre, dando voz aos apelos que veem do solo, do mar, das florestas reconhecendo os desenhos das costas, o traçado dos rios. Em vista desse esforço, a literatura abre possibilidades aos geógrafos de colocar em vigor tal linguagem; ela convida a dar voz ao ser de forma autêntica trazendo-os à luz desde seu próprio ser. Talvez, mais do que isso, ela permita entender que a linguagem envolve muito mais o silêncio e a escuta, do que o próprio dizer. Dar voz é, antes, deixar revelar-se ou deixar manifestar-se desde o próprio ser; escutá-lo atentamente. Quando entendemos esse fato a tarefa do geógrafo se torna ainda mais potente. E aí a disposição da literatura em dar um tratamento ontológico a linguagem não vem apenas ao auxílio da ciência, ela deve ser reconhecida como uma forma fundamental de tratamento da relação homem-terra.

Em outras palavras, a linguagem não deve ser entendida como uma ponte entre homem e terra e sim como a própria possibilidade do homem ser homem, como Heidegger (2005) dirá, que ele possa assumir seu destino de pastor do ser. O desvelar do ser se dá pela pergunta original ontológica-existencial do ser das coisas e a linguagem é a maneira própria desse desvelar, como doação. Assim, quando Dardel (2011) nos fala da tarefa do geógrafo ele está afirmando que a geografia se cumpre desde essa ligação primária de desvelamento e que dar voz a grafia terrestre é pastorear o ser da terra dando-lhe expressão. A tarefa do geógrafo, nesse sentido, não é diferente da do literato por isso a literatura não vem a reboque da Geografia ou em seu auxílio,

mas ambas, a literatura e a Geografia, devem ser pensadas tendo um fundamento em comum: a pergunta pelo ser. Quando reconhecemos essa comum-idade podemos assumi-la e propor que a linguagem objetiva e racionalista dê lugar a uma linguagem poética. Ou para sermos mais decisivos com nossa proposta a linguagem objetiva dará lugar a geopoética.

Kenneth White (1992) dirá que a geopoética é uma linguagem tão clara e tão simples que é capaz de trazer o ser a presença, ela foge dos simbolismos e representações; a geopoética é a linguagem em sua essência. Etimologicamente, geopoética significa uma poética da terra, geo fazendo referência a terra e poética sendo entendida não no sentido literário e sim a possibilidade de deixar-se mostrar a partir do ato do nomear. Isso significa dizer, que quando o geógrafo assume a tarefa da geopoética ele compartilha a tarefa do poeta. O poeta habita a terra reconhecendo a poética desse habitar; ele compreende que a relação que estabelecemos com a terra (nosso habitar) se dá, necessariamente, de modo ontológico-existencial, caso contrário, não há habitar e sim simples habitação. A poética da terra se realiza pelo habitar e como habitar, quando se é capaz de ouvir o chamado do terrestre e, no caso dos poetas, tornar-se seu mensageiro, traduzindo o chamado pelo ato de nomear. Como diz Dardel (2011) a linguagem do geógrafo se transforma na linguagem do poeta; o geógrafo há de confiar sua mensagem (decifrar a terra) a geopoética.

Nossa proposta se define como uma busca por explorar as possibilidades da geopoética, tendo em vista a realização de uma Geografia pelas vias de uma linguagem poética. Essa proposta se dá assumindo a comum-idade entre Geografia e Literatura, que já apontamos, de modo que realizaremos explorações geopoéticas desde a obra literária: "Out of Africa" desvelando a manifestação na obra da amplidão e da nostalgia. Essa obra é um romance da escritora

Karen Blixen, sob o pseudônimo de Isak Dinesen, que traz à tona as feições (culturais, paisagísticas, étnicas) do continente africano, mas especificamente, do Quênia onde Blixen residiu por mais de vinte anos.

Para que possamos realizar tal exploração geopoética, entendemos que é necessário antes tratar de dois pontos. Primeiramente a questão da linguagem na ciência, compreendendo a relação entre elas como uma expressão do modo de se relacionar com aquilo que nos cerca e com o conhecimento. Ou entendemos o conhecimento oriundo do par sujeito e objeto ou decidimos por borrar esse pareamento entendendo que o conhecimento se dá na e pela relação, no caso, homem-terra. Isso tudo redundando no entendimento dessa relação e como ela se expressa na linguagem, como sua própria essência. O segundo ponto trata-se da elaboração da própria geopoética, isto é, discutir de forma mais detida a geopoética e seus desdobramentos: as explorações geopoéticas na obra "Out of Africa".

O DESVELAR DA RELAÇÃO HOMEM-TERRA: POTENCIALIDADES DA LINGUAGEM PARA A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

Quando pensamos em nossa pergunta inicial "quais as potencialidades de uma obra literária para a ciência geográfica?", entendemos que a resposta é muito clara: reconhecer como a linguagem opera aquilo que é essencialmente geográfico. O encontro entre a ciência e a arte, entre a racionalidade e a sensibilidade, entre o poetizar e o pensar é a possibilidade de compreender a forma como o homem habita a terra; habitar se torna a própria possibilidade do permanecer ou do ser e estar na terra. Buscamos abrir as possibilidades da ciência geográfica pensando-a desde o seu fundamento: a relação homem-terra; mas não no âmbito da atuação de um sujeito ou observador que se vê alheio e apartado da terra. O geográfico tem um sentido existencial e se dá na

Explorações geopoéticas: amplidão e nostalgia no romance *Out of Africa* como o dizer poético da geografia
Priscila Marchiori Dal Gallo

e pela experiência. De modo que pensar a linguagem, nesses termos, significa questionar como é possível dizer “que é o geográfico?” reconhecendo-o no seu modo cúmplice de dar-se: uma fusão afetiva e visceral. O pensamento pragmático e positivista que tem reduzido os homens a meros reprodutores de funções e conduzido à perspectiva utilitarista da terra como recurso, deve ser colocado em suspensão em favor de um pensamento que conceba o homem como um ser pensante e a terra como a vida, um pensamento que conceba corpo como terra e terra como corpo (NOGUERA, 2012).

Assim, a obra literária nos mostra a possibilidade de falar desde a cumplicidade homem-terra como ato-de-existir: estabelecer e permanecer junto àquilo que nos cerca; o demorar-se, essencial nas reflexões heideggerianas sobre o habitar (HEIDEGGER, 2012a). A obra literária se vale de uma linguagem coerente com a própria fundação ontológica da relação homem-terra; ela se apresenta como a expressão do advento da pergunta pelo ser e como a possibilidade de sua doação. Quando compreendemos o geográfico desde sua fundação ontológica-existencial entendemos que só podemos realizar uma ciência geográfica se redescobrimos a linguagem como a possibilidade elucidativa do ser ou como caminho necessário a sua revelação.

Essa redescoberta pode se dar, dentre outras maneiras, se assentirmos que a literatura e a Geografia compartilham a mesma origem, qual seja, a pergunta pelo ser e a necessidade de dizê-lo. De modo que ambas tem como ponto de partida, necessariamente, a linguagem. Dizemos que é preciso a ciência geográfica assentir esse compartilhamento, porque (1) ela precisa assumir suas próprias bases; uma relação que está para além dos campos da racionalidade, da métrica e da mensuração, como diz Dardel (2011) compreender a geografia em ato, como presença do homem na terra e (2) ela precisa perceber a importância da linguagem em sua constituição

epistemológica, e mais, que é a linguagem a forma mais potente de estabelecer os parâmetros que a Geografia assume para trazer a relação homem-terra a tona.

Repensar a linguagem nesses termos é um esforço que envolve não só a maneira de dizer essa relação, mas a própria postura para com aquilo que nos cerca. Isto é, damos um tratamento metafísico a linguagem e a concebemos como representação e, assim, nos afastamos do mundo da vida, (re)afirmando a crise das ciências exposta por Husserl (2012) ou damos um tratamento poético a linguagem a fim de alcançar o mundo da vida concebendo-a como a doação do ser. Em outras palavras, a linguagem não é apenas uma forma de comunicar uma descoberta, relatar dados e mensurações, pelo contrário, ela é um elemento essencial na constituição do campo científico, no caso da ciência geográfica, daquilo que é próprio do geográfico.

Contudo, lançar-se o desafio de compreender a importância da linguagem e seu tratamento trata-se de trilhar caminhos novos. Não existem caminhos pré-dados, já construídos, que orientem o como empregar um tratamento poético da linguagem na construção das reflexões geográficas. Nosso intuito é propor uma possibilidade a partir da geopoética: expressão da experiência do desocultamento do ser como tal; ela é precisamente aquilo que os antigos gregos chamavam de *logos*: “a reunião e o deixar-permanecer-ante-nós daquilo que se reúne a si próprio e já permanece ante nós” (FOLTZ, 1995, p. 191), de modo que o próprio advento da emergência do ser ecoa na geopoética visto que ela fala da presença desde a presença mesma. Assim buscamos explorá-la, ressaltando a linguagem como “casa do ser” para o cumprimento do destino do homem: aquele que habita junto às coisas compreendendo-as em seu próprio ser (HEIDEGGER, 2005).

Para que possamos compreender essa potencialidade da geopoética é importante entender de forma detida que significa assumi-la e como

fazê-lo. Por isso, a discussão sobre a linguagem se torna imprescindível para nossa proposta. Embora haja muitos artistas e filósofos que já tenham realizado essa discussão, adotamos as reflexões de Heidegger em função de sua preocupação com um projeto ontológico que envolve também uma revisão da linguagem.

A caminho da linguagem: um tratamento poético da linguagem desde Heidegger

Em busca da essência da linguagem Heidegger traz a linguagem como linguagem para linguagem. Embora pareça um jogo de palavras, a proposta do filósofo é de desenvolver uma arqueologia da linguagem, procurando reaver o seu caráter poético (HEIDEGGER, 2000a; 2012b). Ele questiona a compreensão da linguagem enquanto comunicação, pois esta deixa escapar a verdadeira essência da linguagem.

No pensamento heideggeriano a necessidade de repensar a linguagem ganha especial atenção no encontro com o poeta Friedrich Hölderlin. Como o filósofo defende em "Hölderlin and the essence of poetry" (HEIDEGGER, 2000a), Hölderlin se torna um interlocutor de grande estima na tarefa de repensar a linguagem porque sua produção poética tem como missão desvelar a essência da poesia; ele é o poeta dos poetas. Esse encontro faz com que Heidegger passe a dar ênfase à ligação entre a linguagem e o poético na medida que coloca a compreensão da essência da linguagem em termos da compreensão da essência do poético.

A essência poética da linguagem (trazer o indizível para o campo do dizível) se dá na e pela linguagem da essência (HEIDEGGER, 2012b); essa essência sendo o próprio ser e estar na reunião entre céu e terra. A linguagem se torna, assim, uma possibilidade do ser vir à tona. O poeta cumpre essa essência como aquele que se lança nessa reunião e atende

aos seus apelos. A resposta a esses apelos é sempre o cumprimento da responsabilidade de um destino: o poeta tem o destino de ser por excelência essa existência lançada à dimensão entre céu e terra como testemunha de que todo existente é aterrado à terra, tendo-a como seu próprio fundamento; o destino do homem como aquele "[...] *who must bear witness to what He is. To bear witness can signify to testify, but it also means to be answerable for what one has testified in one's testimony*" (HEIDEGGER, 2000a, p. 54).

A preocupação de Heidegger em resguardar a essência poética da linguagem pode ser entendida pelo questionamento que ele mesmo se faz: como pode ser fundado aquilo que permanece? Não é da natureza daquilo que permanece já estar sempre presente? Para o filósofo, a resposta é não, no sentido de que aquilo que permanece necessita de resguardo para que não caia no esquecimento; a linguagem é dessa forma a maneira autêntica de resguardo como "casa do ser". Embora o ser seja algo sempre presente, o seu desvelamento tem algo de transitório. A poética se propõe a trazer à tona esse estar presente ou o permanecer presente do ser na medida que busca reaver o ser (verbal) em sua essência: como uma doação livre.

O poético busca libertar o ser desde a reunião céu-terra, ele intercepta por ele desvelando-o como uma eclosão: a palavra, "Chamando-se a palavra de rebento e flor da boca, escutamos o som da linguagem emergir terrena. [...] O som vibra a partir da sonância, da reunião que recolhe e convoca, que se abre para o aberto" (HEIDEGGER, 2012b, p. 164). De outra forma, a linguagem tem raízes na experiência arraigada, assim, "Nada há em mim que não esteja mesclado de terra e sangue" (MOUNIER, 2010, p. 3); tudo aquilo que habita o homem tem sua referência na terra. A linguagem traz em seu âmago, tem como sua essência essa união indissolúvel.

Como propriamente se realiza esse caminho da palavra, de eclosão desde a Terra? Heidegger propõe entendê-lo pensando no onde o ser

vem à palavra: “lá onde não encontramos a palavra certa para dizer o que nos concerne, o que nos provoca, oprime ou entusiasma. Nesse momento, ficamos sem dizer o que queríamos dizer” (HEIDEGGER, 2012b, p. 123). A linguagem como linguagem poética nos elucida o ser como uma doação livre da Terra ou, como aponta Dardel (2011), a Terra é a circunstância por excelência do colocar-se em manifesto, do sair à luz de todo ser. Ela é pura gratuidade. A linguagem é abertura enquanto traduz a condição terrestre como o fenômeno que está na origem de todo e qualquer possibilidade de existir. De outra forma, como Gadamer (2006) afirma, as palavras atestam a nossa existência: elas condensam nossas fugidias e fluidas experiências e prolongam a descoberta e despertar do ser para as coisas e das coisas para o ser.

Vislumbrar uma mudança de postura epistemológica que reconheça a origem do conhecimento como a relação homem-terra exige um comprometimento com a busca de uma linguagem que corresponda a essa mudança. A linguagem corrente da ciência moderna, claramente, não é uma opção, pelo seu forte caráter metafísico. Aqui apontamos como uma possibilidade a geopoética e desenvolvemos tal proposta a partir das explorações geopoéticas de “*Out of Africa*”. Entendendo que toda obra de arte tem como origem a poética: trazer o ser-para-verdade, desvelar o ser deixando-o se manifestar. Como coloca Pöggeler (2001), o poético é uma referência para o pensamento que busca a verdade do ser, a poesia é a maneira própria da doação do ser.

Antes de qualquer avanço nas explorações geopoéticas, é preciso realizar uma discussão sobre a própria geopoética a fim de construir uma fundamentação para o empreendimento de tomá-la como uma linguagem que possa corroborar e corresponder com a possibilidade do dizer a relação homem-terra desde si mesma ou como uma possibilidade de um dizer poético da geografia. Deteremos-nos a seguir nessa tarefa.

A GEOPOÉTICA: A ESCUTA AO APELO TERRESTRE

Em primeiro lugar, assumir uma linguagem poética é uma possibilidade de lidar com a linguagem trazendo-a à sua essência. Essa essência (da linguagem) consiste em falar da essência (o porquê algo é como é) da forma mais translúcida e clara. Essa clareza não pode ocorrer de outra maneira além do falar da essência desde a essência mesma. Adotar a linguagem poética significa realizar a vocação da poética ou a vocação dos poetas. Que vocação é essa? Para Kenneth White (1992), é a de colocar-se diante do desafio de expressar de maneira vívida a inteireza da existência. Para Heidegger (2000b), cumprir essa vocação exige o mais fiel dos corações àquilo que se apresenta, àquilo que vem nos saudar e nos falar, de modo que a linguagem, quando poética, nunca exceda e nem negligencie aquilo que se mostra. Pelo contrário, vai sempre a seu encontro e mantém-se junto a.

A fidelidade do poeta é a fidelidade ao lar, à terra (pátria). O poeta saúda sua terra com alegria, encontrando ali plenitude e inteireza. O encontro com o lar lança o poeta em um estado de encantamento pela proximidade e o acolhimento das suas relações simples (HEIDEGGER, 2000b). O lar faz com que aquilo que mereça ser buscado se torne claro. **E aquilo que merece ser buscado é a proximidade.** Onde a proximidade é mais potente do que na terra? O poeta busca a proximidade e a alcança quando é capaz de trazer-à-proximidade pelo acontecer da verdade, porque quando o *lethe* (esquecido) torna-se *aletheia* (o desvelado), pelo ato do nomear, pode-se ser junto ao ser e colocar-se em sua proximidade. A proximidade é a própria condição da morada, do habitar.

A vocação do poeta é desvelar aos outros homens que significa habitar poeticamente a terra (como terra pátria) e para isso ele precisa saber a natureza daquilo que se apresenta como terra; uma natureza

que não se equivale às outras. A vocação do poeta é a maneira pela qual a terra é preparada como o solo da proximidade com a origem. O retorno à terra é um retorno à proximidade da origem. O retorno é, como aponta Pöggeler (2001), um abrir-se à origem, em que a terra permanece sendo terra, em que a terra pode tornar-se pátria.

O retorno do poeta tem o sentido de sentir-se em casa enquanto o estar em proximidade: *"'the house' means the space opens up [...] which they can be 'at home' [...] this space is bestowed by the inviolate earth [...] The earth brightens up 'the house'"* (HEIDEGGER, 2000b, p. 35). Mais que isso, o retorno é proximidade da origem; a origem é emergência. Estar junto à origem significa estar diante da forma genuína de desvelamento. Abrir-se à origem é testemunhar o ser verdadeiramente, em seu desocultamento primordial ou abrir-se ao advento da origem. O testemunhar é, ao mesmo tempo, presenciar o desvelar e deparar-se com o mistério da emergência que se apresenta.

O retorno do poeta à casa é estar em proximidade com a terra e entendê-la como fundamento essencial; assim o poeta cumpre sua vocação de estar junto à casa (HEIDEGGER, 2000b). Estar junto à casa é a proximidade com a terra como um pertencer-conjunto àquilo que vem ao seu encontro, que é a própria linguagem da terra. Quando o poeta cumpre sua vocação, a terra lhe diz o que dizer. Foltz (1995) dirá que a linguagem poética é antes de tudo uma dádiva da terra. Aquilo que a terra nos diz quando nos encontramos junto a ela pertence a uma linguagem inumana, uma linguagem enigmática que só fala àqueles que atendem a seu chamado. Aventurar-nos na vocação do poeta significa, dessa forma, retornar à proximidade da terra reconhecendo todo o mistério que essa proximidade envolve. Ou é compreender que a proximidade à terra tem algo de conflituoso, na medida em que o desvelamento e o ocultamento da terra permanecem

sempre associados num jogo de luz e sombras. Não se trata de uma contradição, e sim da essência do fenômeno da proximidade.

Para o filósofo espanhol José Luis Pardo (1991), é possível pensar que, da mesma maneira que os humanos deram origem à linguagem humana (pelo genuíno desocultamento do ser e sua nomeação), a terra teria constituído a sua própria linguagem. A própria terra seria enquanto essa linguagem, isto é, ela se manifesta enquanto a própria grafia terrestre desenhada pelas forças geodinâmicas e geomecânicas: *"una especie de relato-código de las formas de los primeros tiempos y que yace ante nosotros en forma de paisaje"* (PARDO, 1991, p. 15). Ou, como colocam Nogueira; Bernal (2014), a terra escreve sua (geo)grafia e a escreve desde sua própria emergência.

O mistério da proximidade, nesses termos, causa para Pardo uma vertigem: *"cuando la sensibilidad descubre las fuerzas inhumanas y extrahistóricas (indiferentes a la historia de los hombres y a sus sucesos) que laten en su interior; es como si ahí apareciese lo esencialmente escrito que, sin embargo, es lo que no se puede d-escribir"* (PARDO, 1991, p. 17). É uma vertigem que escapa aos cuidados das ciências modernas, e até mesmo das ciências da terra, que não têm modos de lidar com ela devido ao excesso de formalismos linguísticos que tornam a linguagem uma mera designação de objetos. A linguagem poética liberta, deixando que a linguagem seja a casa do ser.

O tratamento poético da linguagem da terra origina uma poética que nos permite o retorno, que nos permite compreender o que é estar junto à casa como terra. Para Pardo, o tratamento poético da (geo)grafia é a descoberta de uma geopoética, compreendida como uma linguagem viva e plástica que libera o sentido da terra, não como objeto e sim como ser.

Keneth White, em seu texto *"Elements of Geopoetics"* (WHITE, 1992), afirma que falar de geopoética significa pensar em uma nova

Explorações geopoéticas: amplidão e nostalgia no romance *Out of Africa* como o dizer poético da geografia
Priscila Marchiori Dal Gallo

abordagem da geografia. A geopoética é uma linguagem cuidadora, que não enfraquece ou arruína aquilo que enviou sua saudação e se apresenta, contudo, ela é puro enigma, porque ainda não está desvelada em seu próprio acontecer, porque não foi revelada em sua própria revelação: o retorno à proximidade da terra. Ela traz a terra em sua manifestação primeva e radical, ao mesmo tempo, desvela-a em um horizonte compreensivo. Ela é poética quando nos oferece o mistério da emergência, nos levando à proximidade da origem.

Buscamos explorar como essa linguagem poética se manifesta na obra "Out of Africa". Entendemos que a amplidão e a nostalgia são duas formas de abertura ou manifestação da geopoética na obra que se doam pela linguagem poética. A amplidão é a manifestação enquanto um chamado à reunião e à nostalgia, enquanto angústia pela separação da Terra. São duas manifestações cuja essência as converge àquilo que a geopoética tem de essencial. Em outras palavras, a amplidão e nostalgia dão sinais àquela pergunta sobre a essência da relação homem-terra.

Fazemos isso a partir de ensaios geopoéticos que propõem levar a cabo aquilo que White anunciou como uma nova abordagem da geografia. Mas como?

Primeiramente devemos entender que se pensarmos em uma ciência que trate a relação homem-terra sem dualismos e apartamentos, se pensarmos ser possível construir essa relação fora da relação sujeito e objeto e se podemos, assim, tratar essa relação em seu próprio advento como doação do ser pela palavra, então devemos pensar na possibilidade de borrar as fronteiras estabelecidas entre a Geografia e a Arte. Não significa fazer uma geografia artística ou uma arte geográfica e sim, aquilo mesmo que White (1992) propôs: buscar algo que as traga em comunhão. Entendemos que isso é alcançado quando não falamos de uma obra ou sobre uma obra em um texto científico, não é

sobre a obra que devemos falar e sim desde a obra mesma. Se há uma comum-idade, dada pela ontologia e pela pergunta pelo ser, entre esses dois campos é dela que devemos partir, para que a obra mostre a sua potencialidade, não vindo ao auxílio, mas sendo um elemento que engendra reflexões de cunho epistemológico na geografia. Ou que a geografia possa refletir sobre si mesma em fusão com a arte.

Segundo essa nova abordagem precisa dar-se na e pela linguagem. Uma geopoética não pode acontecer como uma linguagem científica fazendo proposições analíticas de uma linguagem poética. Porque continuamos reincidentes na postura de observador, de sujeito colocando agora a obra como objeto. A obra precisa fazer parte da reflexão geográfica como um fundamento, não um aporte. Isso só é possível se ela mostrar-se em si mesma, não como citações diretas e ilustrativas ou demonstrativas de um ponto de vista ou argumentação, e sim fazendo parte da própria constituição da argumentação e pensamento estruturante da reflexão. E isso significa, necessariamente, uma linguagem correspondente, caso contrário há uma esquizofrenia, que compromete a coerência da argumentação e a consistência da proposta de colocar a obra de arte desde uma outra perspectiva que não a utilitária.

Terceiro, a partir dos pontos anteriores, damos visibilidade ao advento do desvelamento do ser. Esse, para a geografia, tendo em vista sua essência, é um ponto crucial para a tentativa de uma desconstrução do fazer geografia (construção teórica e enunciação) desde a construção de uma geografia em ato (compreensão imersa na experiência e existência) pela possibilidade de colocar velhos paradigmas em suspensão pelas vias de um pensamento crítico que pondere o papel da própria linguagem nesse processo. Uma desconstrução que caminha para uma radicalização da compreensão da geografia como a possibilidade de descobrimento do próprio advento do desvelamento

Explorações geopoéticas: amplidão e nostalgia no romance *Out of Africa* como o dizer poético da geografia
Priscila Marchiori Dal Gallo

do ser a partir da imersão nesse último podendo expressá-lo e nomeá-lo desde si mesmo, sem buscar descrevê-lo e sim já doá-lo em sua essência. Ou seja, reconhecer a linguagem enquanto uma potência na construção de uma Geografia de base ontológica.

Tentamos alcançar esses pontos em nossas explorações geopoéticas desde a obra "Out of Africa" buscando tratar a obra nela mesma, trazendo-a como fundamento de nossas reflexões e expondo-as como manifestações geopoéticas desse mesmo advento do desvelamento. Realizamos tal tentativa em pequenos textos que tragam à luz as manifestações geopoéticas da amplidão e da nostalgia. Ambas são manifestações que se apresentaram na e pela obra; pelas vias da linguagem. Desse modo, nos aproximamos do poeta, descobrindo aquilo que se apresenta, na e pela obra e que tem sua correspondência na reunião integradora de céu-terra-homem.

EXPLORAÇÕES GEOPOÉTICAS: AMPLIDÃO

Do espaço aéreo

A aviação é um evento que expande de maneira singular as possibilidades de experiência de uma pessoa. Quando ela se encontra em paz com ela mesma essas possibilidades são vivenciadas e degustadas ao seu máximo. A aviação é capaz de criar uma sensibilidade nova nas pessoas na medida que nos desperta ao fantástico terrestre, pois, como disse o aviador Saint-Exupéry (1983):

Libertados, desde logo, das servidões queridas, libertados da necessidade das fontes, apontamos a proa para o alvo longínquo. Só então, do alto de nossas trajetórias retilíneas, descobrimos o embasamento essencial, o fundo de rocha, de areia, de sal, e que, uma vez ou outra, como um pouco de musgo entre ruínas, a vida ousa florescer (SAINT-EXUPÉRY, 1983, p. 42).

Em um continente em que os lugares nem sempre são acessíveis por vias terrestres, a aviação se torna uma necessidade vital. Voar, porém, traz uma ampliação da dimensão entre céu e terra. Pela aviação se está livre das amarras dos caminhos, dos cerceamentos retilíneos das estradas, de um deslocamento aplainado e pré-destinado. No espaço aéreo as direções e orientações se ampliam:

Na verdade, durante séculos, as estradas nos enganaram. Parecíamos aquela rainha que desejou conhecer seus súditos e saber se gostavam de seu reinado. Os cortesões, para iludi-la, ergueram ao longo da estrada uns cenários felizes [...]. Fora daquele estreito caminho ela nem sequer entreviu nada (SAINT-EXUPÉRY, 1983, p. 41).

Voar pela primeira vez é uma transição que não passa despercebida: de uma condição em que os movimentos são conduzidos unidimensionalmente a uma explosão dessa condição pela experiência de se estar solto em todas as três dimensões. É como se se ganhasse consciência pela primeira vez do espaço.

A mudança de perspectiva proporcionada pela aviação dá a possibilidade de ver as coisas por ângulos antes nunca vistos, como se se estivesse descobrindo caminhos que ninguém mais conhecesse. As vistas que a altitude possibilita dão a sensação de alcançar uma inteireza e uma noção de conjunto. Alguns segredos dessa maneira se desvelam, como se agora fosse possível atingir algo que permaneceu recluso até que se pudesse acessá-lo pelas alturas. Existem sempre novos recantos e encantos para descobrir e voar vai, aos poucos, nos contando segredos. Pode-se apreender como a terra e o céu se entregam um ao outro, os céus banhando os elementos terrestres e a terra oferecendo a sua solidez inabalável.

O envolvimento entre os elementos terrestres e aéreos se manifestam em diferentes sensações. Pelas mudanças de temperatura:

Explorações geopoéticas: amplidão e nostalgia no romance *Out of Africa* como o dizer poético da geografia
Priscila Marchiori Dal Gallo

se pela manhã o ar era macio e fresco, ao longo do dia ele pode se tornar torridamente insuportável; ou pelas cores: os elementos na paisagem mudam com as diferenças de luminosidade. O jogo de luz e sombras faz com que formas do relevo possam parecer às vezes mais distantes e às vezes em proximidade. A luminosidade torna as feições familiares e as aproxima. A escuridão coloca tudo de um plano mais distante em uma grande mancha escura. A coloração azulada do céu dá à paisagem um tom azul, escuro e fresco, acirrando a densidade característica das florestas e do caráter rochoso das colinas; o azul dá sempre uma sensação de profundidade, ressaltando, sobretudo, a gravidade do terrestre.

Das chuvas

Talvez um dos eventos que revele com maior propriedade a dimensão entre a terra e o céu sejam as chuvas. Na África os períodos de estiagem costumam ser longos, seguidos por chuvas torrenciais. Em anos em que a estiagem se prolonga, as chuvas se tornam um evento cujo peso vital é sentido em toda a sua gravidade. A ocorrência das chuvas é uma questão de vida e morte. A água é um elemento de vitalidade. É o florescer, a reprodução, a hidratação e a sua presença é sentida com intensidade quando após meses a dominância dos tons amarelados e terracota dá lugar a um verdejar; as cores ganham um tom fresco, juvenil. Sem as chuvas tudo se torna seco e ríspido, como se toda a força e graça as deixasse, como se a graça tivesse abandonado essas terras.

Em épocas de prolongada estiagem a sensação é de abandono, como se o divino estivesse se ausentado e a terra tivesse caído em desgraça. É como se toda força e graça do mundo se esvanecesse, retraísse e recuasse. Não há mais aromas das florestas ou dos campos

e as cores se ausentam; o brilho do mundo se esmaece. Nessas épocas o anúncio da tempestade é o de salvação. Quando nuvens gigantes, cinzentas e pesadas se dissolvem sobre a terra formando uma longa linha azulada no horizonte, a chuva se anuncia de forma espetacular. O céu, que permanece tão imóvel nas secas, manifesta-se em uma agitação violenta que desemboca em uma explosão súbita e ruidosa, anunciando a promessa de vida. Os céus vibram e ressoam com a tempestade.

Ao cair das chuvas as vozes do céu e da terra se tornam uma, a terra ecoa os céus em tempestade e faz-se ecoar na abertura intempestiva dos céus. A terra se torna uma enorme caixa de ressonância, amplificando o som do encontro das gotas com o solo. Escutamos um bramido, um profundo e fértil rugido da terra: é a chuva cantando à África, em todas as direções, o anúncio de prosperidade da vida. A chuva é um evento que reúne terra, água e ar, elementos primários e vitais. É nesse anúncio, após a terra ecoar os céus e os céus ecoarem a terra, que o seu canto se mostra plenamente, o canto em que a terra clama pelos céus e os céus convocam a terra; é um canto celeste-terrestre, um canto de comunhão.

Após a chuva a terra permanece envolta por um manto aerado macio e denso, promovido pela umidade que traz um estado de prosperidade. Nesse momento sua compreensão sobre aquilo que parecia ser pequenos eventos, como o florescer, o verdejar, ampliam-se sem limites; ganham uma dramaticidade própria: passamos a perceber a dramaticidade do simples e da limpidez. O significado de estar sobre a terra e sob o céu se amplia. Com as chuvas as terras africanas se tornam uma explosão de aromas e cores, tudo se torna mais atraente ao tato, à visão e ao olfato. A vegetação se torna mais macia, exuberante e repleta de vigor. Tudo se torna mais vívido e brilhante com a manifestação dessa força elementar.

No início das chuvas há um esplendor das pequenas flores brancas de café, que tal qual a neve cobriam as terras, como se a chuva as tivesse coberto com uma nuvem de giz. Seu esplendor se ampliava por ser uma visão incomum, pouco ordinária, de um movimento cíclico e circular entre as chuvas, o verão, a terra e as plantas, como bem traduz Sophia Andresen em seu poema:

Os dias de verão

Os dias de verão vastos como um reino
Cintilantes de areia e maré lisa
Os quartos apuram seu fresco de penumbra
Irmão do lírio e da concha é nosso corpo
Tempo é de repouso e festa
O instante é completo como um fruto
Irmão do universo é nosso corpo
O destino torna-se próximo e legível
Enquanto no terraço fitamos o alto enigma familiar dos astros
Que em sua imóvel mobilidade nos conduzem
Como se em tudo afluísse eternidade
Justa é a forma do nosso corpo

Sophia de Mello Breyner Andresen (ANDRESEN, 1972)

O florescimento de pequenas flores selvagens nas planícies africanas libera um aroma que pode ser sentido à distância. As flores se fazem presentes aos sentidos para além das planícies: elas se manifestam enquanto fragrância. O aroma percorre as planícies sem fronteiras, dando uma sensação de integridade àqueles que entram em contato com ele. O florescimento se amplia como acontecer, ganhando um novo sentido. A África se faz sentir como um ser autoemergente por meio do florescer. O lampejo frágil que é essa compreensão de integridade e completude trazida por esse evento tão simples é arquitetado

pelos sentidos. O florescer não pode ser responsabilidade da razão. A radicalidade dessa doação era ampla demais para ser construída e assegurada pela razão. Essa verdade se faz radicalmente sensível.

O sentido da amplidão oferece um caminho que o filósofo heideggeriano Kenneth Maly (2004) chamaria de o **caminho da conectividade e expansão**, isto é, um caminho de integração e relacionalidade em que o ser experiencia-se como uma existência em projeção, expansiva e conectiva, sempre em alargamento; uma existência que ultrapassa a própria pele, o próprio corpo, em uma experiência profunda, orgânica e ontológica com outros viventes e existentes. A amplidão doa-se como espaço livre que possibilita às forças elementares (terra, céu e mar) chamarem-se à proximidade. O chamado à proximidade simplesmente é, e só pode ser compreendido pela sua experiência imediata. Essa espontaneidade da manifestação, do colocar-se presente dos elementos terrestres, marinhos e aéreos que se envolvem em reunião, é o cerne do enigma da complexidade simples da amplidão.

A amplidão se manifesta como uma experiência da conectividade; uma experiência transformadora pela qual alguém se torna cômico da reivindicação do destino de estar envolvido em um nexos orgânico e ontológico com a terra. A amplidão em "Out of Africa" coloca a existência como uma experiência cosmopoética: uma sensação de pertencimento a algo de incomensurável, um senso de relacionalidade que envolve reconhecer-se como pertencente à Terra, sem perder o senso cósmico desse pertencimento (WHITE, 1992).

EXPLORAÇÕES GEOPOÉTICAS: NOSTALGIA

Da Nostalgia: Do presente e da cobiça

Na África, o cotidiano é pensado em termos de rebanhos e toneladas produzidas por hectare. Para os nativos, qualquer disputa ou casamento é decidido pelo seu “peso em cabras”. O apego dos nativos aos seus rebanhos está ligado ao entendimento de que sem eles não seria possível a vida nessas terras. Esses animais são uma dádiva, especialmente em épocas de estiagem. O destino dos nativos e de seus rebanhos está ligado, de modo que os nativos vivem pelo presente que é a vida desses animais. Esses animais são respeitados na medida que vivem o quão livre possível, se alimentam nas planícies e quando abatidos sua morte é limpa. Os somalis agradecem à Ala antes de abater o animal; trata-se de uma forma de reconhecimento do presente que essas terras lhes dão.

Sempre que cobiçamos algo acabamos por perder o objeto de nosso desejo. A cobiça envolve um sentimento de posse: a retenção ou contenção de algo e a ânsia por conter e dominar algo desde sua essência. A cobiça pela beleza é tão antiga quanto a humanidade. A beleza natural foi cobiçada por diferentes civilizações e os animais foram os seus principais alvos. Existe uma espécie de iguana na África cuja pele brilha ao sol lindamente, como uma espécie de joia multicolorida de cores exuberantes em tons de azul, verde, roxo (DINESEN, 2011). Um espetáculo desejável ao custo da vida do animal. O último suspiro dos iguanas, contudo, significa o fim do espetáculo, isto é, suas cores se esvanecem tão rapidamente quanto o seu corpo esfria. Aquilo que lhe dá beleza é a pulsação; a própria vida do animal que irradia uma belíssima paleta de cores.

O corpo imóvel e cinzento do iguana é como uma espécie de castigo pela ganância, pela cobiça que suga a vitalidade do animal. O que resta

para aquele que o abate é apenas um corpo apático, sem vida. Como se o desafio lançado à sacralidade dessa vida, à sua ligação direta com as divindades, fosse claramente respondido. Como castigo à dessacralização da vida, ao presente da Terra, à dádiva de Gaia, tem-se apenas a ausência do esplendor e da beleza, o abandono do divino e o desencanto da criatura abatida.

O verdadeiro esplendor das criaturas africanas se dá enquanto elas seguem existindo e a melhor forma de experienciar esse esplendor é convivendo com elas. Há um tipo de injustiça para com essas nobres criaturas quando suprimimos sua vida: esse vigor espontâneo e sacro. Aquilo que decidimos tomar para nós, seja a capacidade germinativa dos solos, os frutos nascidos na vegetação, a frescura e limpidez das águas dos rios, a força e vitalidade dos animais, é uma conquista deturpada; como bem diz a frase “*I have conquered them all, but I am standing amongst graves*” (DINESEN, 2011, p. 247). Aquilo que nos torna desejosos só permanece sendo em um dueto, como uma experiência pulsante de co-existência.

O desejo de imortalizar, de tornar eterno aquilo que cobiçamos, de tornar a nobreza e beleza das criaturas matéria imóvel é uma cegueira. A magnificência das criaturas selvagens africanas está em seu livre fluir e só podemos experienciá-la quando compreendemos a sua dignidade e seu valor próprios: quando respeitamos o seu orgulho. É um sentimento nostálgico de recuperação da sensação de co-pertencimento e de reconciliação com o sentido do cosmos. É como retornar à casa, à casa adequada: primeva e original. É um sentimento ao mesmo tempo agradável e amargo, porque o retorno dá conforto, mas é um caminho angustiante.

A nostalgia é uma sensibilidade à terra como nossa morada, que é uma simbiose e uma sinergia dos existentes e viventes. Ser sensível a terra é tornar-se cômico de um habitar comedido: estar na terra sem ultrapassar sua suficiência, isto é, em conciliação com a inviolabilidade do possível ou em familiaridade com a circunstância do possível (HEIDEGGER, 2012c); é estar na terra sem esgotá-la, sem exauri-la, sem abusá-la; é cumprir o destino de cuidador dela como morada.

A nostalgia é o retorno à morada genuína que resgata as memórias da terra e busca redescobrir e reconciliar-se com a intimidade do copertencimento entre homem-terra. A nostalgia torna o caminho da conectividade aberto pela amplidão como um caminho de retorno, um caminho em que a ontologia se realiza de forma radical porque busca a própria origem do ser ou a essência de seu fundamento.

ÚLTIMAS PALAVRAS...

Buscamos trazer uma reflexão sobre a importância de compreender (1) a importância da linguagem para a expressão do posicionamento epistemológico da ciência; da ciência geográfica especificamente e (2) o tratamento da linguagem que corresponde a tal posicionamento, como sua afirmação e possibilidade de vigência. Em vista disso, entendemos que se queremos uma ciência com bases ontológicas, devemos superar a separação entre sujeito e objeto, não só na forma de pensar a produção do conhecimento, isto é, conhecer as formas pela qual o conhecimento se dá ou “que é conhecimento?”, mas tendo em vista que a linguagem, como forma própria de sua expressão, é essencial para a realização dessa ciência, porque ela não é seu instrumento, mas sua maior potência.

Dentro disso, as formas artísticas, sobretudo da literatura, quando são compreendidas enquanto formas poéticas do dar-se da linguagem

e tendo uma origem em comum com a ciência geográfica (ontologia) é o espaço privilegiado de doação do ser pela palavra. A tarefa do poeta de recolher em silêncio aquilo que se manifesta na reunião terra-céu, de deixar a calada presença falar e, assim, chegar à palavra é também a tarefa do geógrafo, quando ele entende o geográfico enquanto ato existencial. A linguagem deve ser a expressão da radicalidade, do acontecer da verdade radical vigente na relação homem-terra. Para nós a geopoética cumpre esse dever e se dá, sobretudo, nesse espaço aberto pela arte e geografia em que a linguagem e o silêncio, o ser e o ocultamento se dão conjuntamente.

As explorações geopoéticas da amplidão e da nostalgia são nomeações dessa radicalidade. A amplidão nostálgica coloca a natureza da terra às claras: um acontecimento espontâneo e enigmático sobre o qual não há nenhuma possibilidade de intromissão. A amplidão nostálgica devolve a Terra à sua essência como solo original, oferecimento total e gratuidade, e proporciona uma revelação vertiginosa; o sentir-se em reunião é esmagador. Estar em reunião é uma gravidade tão esmagadora que nos leva ao pó, é um convite indecente, uma atração irresistível à dissolução. A amplidão nostálgica convida ao retorno: o retorno ao começo absoluto do existir, ao lar primordial. A amplidão nostálgica faz do encontro com a Terra uma tentação de retorno ao seu acolhimento.

A amplidão e a nostalgia tem a possibilidade de se tornarem manifestações geopoéticas, ou de poderem deixar-se manifestar como geopoéticas, em um espaço ou abertura de comum-idade da arte com a geografia, proporcionado, sobretudo, pela adoção de uma linguagem que permita a amplidão doar-se como amplidão e a nostalgia como nostalgia em seu sentido vinculado, arraigado ao ser. De modo que, ambas desvelam a relação terra-homem desde a perspectiva do assombro e do encontro e da origem.

Explorações geopoéticas: amplidão e nostalgia no romance *Out of Africa* como o dizer poético da geografia
Priscila Marchiori Dal Gallo

A geopoética se dá como a possibilidade do dizer: o deixar-ser, porque é uma linguagem da morada, uma linguagem-casa onde o ser habita; e habita poeticamente. ○

REFERÊNCIAS

- ANDRESEN, Sophia de B. M. **Dual**. Lisboa: Moraes Editores, 1972.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DINESEN, Isak. **Out of Africa and Shadows on the Grass**. New York: Vintage International, 2011.
- FOLTZ, Bruce V. **Habitar a Terra**: Heidegger ética ambiental e a metafísica da natureza. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- GAMER, Hans-Georg. **Estética y Hermenéutica**. Madrid: Tecnos, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. Hölderlin and the essence of poetry. In: _____. **Elucidations of Holderlin's Poetry**. (Trad. de Keith Hoeller) Amherst: Humanity Books, 2000a. p. 51-66.
- _____. "Homecoming/ To Kindred Ones". In: _____. **Elucidations of Holderlin's Poetry**. (Trad. de Keith Hoeller) Amherst: Humanity Books, 2000b, p. 23-50.
- _____. **Carta sobre o humanismo**. (Trad. de Rubens Eduardo Frias) São Paulo: Centauro, 2005.
- _____. A essência da linguagem. In: **A caminho da linguagem**. (Trad. de Marcia Sá Cavalcante Schunback) Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012a, p. 121-172.
- _____. "... Poeticamente o homem habita...". In: **Ensaios e Conferências**. (Trad. de Emmanuel Carneiro Leão. Gilvan Fogel, Marcia

Sá Cavalcante Schuback) Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012b. p. 165-182.

_____. Quem é Zaratrusta de Nietzsche? In: **Ensaios e Conferências**. (Trad. de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback) Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012c. p. 87-110.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**: uma introdução à Filosofia fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MALY, Kenneth. A Sand Country Almanac: Through Anthropogenic and Ecogenic Thinking. In: FOLTZ, Bruce V; FRODEMAN, Robert (Ed.) **Rethinking Nature**: Essays in Environment Philosophy, Indiana: Indiana University Press, 2004.

MARANDOLA JR., Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, 2009.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lucia Helena B. (Org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010, p.7-15.

MOUNIER, Emmanuel. Existência Encarnada. **Textos Clássicos LUSOSOFIA**. Covilhã: Lusofia Press, 2011. Disponível em: <www.lusofia.net>.

NOGUERA, Ana P. **Cuerpo – Tierra**. El Enigma, El Habitar, La vida. Potencias de un Pensamiento Ambiental en clave del Reencantamiento del Mundo. Madrid: Editorial Académica Española, 2012

_____.; BERNAL, Diana A. Geografias del habitar: um habitar geopoético em la era planetária. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 19-31, 2014.

PARDO, José Luis Pardo. **Sobre los espacios**: pintar, escribir, pensar. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1991.

Explorações geopoéticas: amplitão e nostalgia no romance *Out of Africa* como o dizer poético da geografia
Priscila Marchiori Dal Gallo

POCOCK, Douglas. C. D. Geography and literature. **Progress in Human Geography**, v. 12, n. 1, p. 87-102, 1988.

PÖGGELER, Otto. **A via do pensamento de Martin Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Terra dos Homens**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

WHITE, Kenneth. Elements of geopoetics, **Edinburgh Review**, v. 88, p. 163-178, 1992.

Submetido em Maio de 2015.
Revisado em Setembro de 2015.
Aceito em Setembro de 2015.